



UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS - UNIPAC
FACULDADE REGIONAL DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS DE BARBACENA –
FACEC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DEISE FABIANA BATISTA FERREIRA
FERNANDA MARIA CLEMENTE DE ARAUJO

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NA SUBJETIVAÇÃO INFANTIL

BARBACENA
2014

**DEISE FABIANA BATISTA FERREIRA
FERNANDA MARIA CLEMENTE DE ARAUJO**

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NA SUBJETIVAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Me. Maria Margarete Pinto Chaves.

**BARBACENA
2014**

**Deise Fabiana Batista Ferreira
Fernanda Maria Clemente De Araujo**

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NA SUBJETIVAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Dr. Ângela Buciano do Rosário
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Me. Maria Margarete Pinto Chaves
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Me. Sabrina Simões Castilho
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus, que me iluminou para a realização deste trabalho.

Agradeço a minha querida amiga Fernanda Maria que compartilhou comigo os caminhos trilhados nesta árdua tarefa.

Agradeço ao meu Marido Denis, aos meus pais e irmão pela compreensão nos momentos de ausência.

À professora Maria Margarete que nos auxiliou com tanta dedicação e carinho.

(Deise)

Agradeço primeiramente a Deus, que sem Ele nada se concretizaria, por me iluminar e abençoar neste percurso.

Aos meus pais pelo carinho em todos os momentos e pelos conselhos que me serviram de grande motivação e incentivo, e a meu irmão Rodrigo que me apoiou com pequenas palavras e gestos ao longo desta trajetória. Obrigada por terem compreendido por tantas vezes meu desânimo e ausência. Vocês sempre serão minha maior motivação para alcançar vitórias. Amo vocês!

A nossa orientadora Prof.^a Margarete que com muita paciência e atenção dedicou do seu precioso tempo para nos auxiliar em cada passo desta etapa, pelo apoio e conhecimento transmitido, pela confiança e por compreender e incentivar a concretização desse trabalho. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional.

À minha eterna amiga Deise, pelo companheirismo, pela dedicação indispensável na realização deste trabalho. Sem você nada disso seria possível.

Obrigada a todos que de alguma forma contribuíram para esta conquista e para meu crescimento como pessoa.

(Fernanda)

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo discutir o impacto da mídia televisiva sobre o comportamento e subjetividades infantis, a partir de sua importância como agência de educação na atualidade. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e teve como fundamentação teórica autores como: Gilles Deleuze, Michel Foucault, Félix Guattari, Neil Postman, dentre outros. Foi realizada uma discussão sobre a mídia televisiva e como esta exerce grande influência na atualidade, sendo um meio de comunicação que acaba estabelecendo uma realidade, construindo o processo de tornar-se sujeito, ou seja, constrói a subjetivação, que é o ato de produzir subjetividades. Também discutiu-se sobre a educação que antes era destinada apenas às famílias e que atualmente tem sido dividida com as demais instituições como escolas e os meios de comunicação, especialmente a televisão.

Palavras - chave: Subjetividade. Mídia Televisiva. Infância.

Abstract

This study aimed to discuss the impact of television media on the behavior and children's subjectivities, as of its importance as an educational agency today. The methodology used was a literature search and had the theoretical foundation authors such as Gilles Deleuze, Michel Foucault, Félix Guattari, Neil Postman, among others. It was performed a discussion of the television media and how this has great influence today, being a means of communication that ends up establishing a reality, building the process becomes subject, that means, it builds subjectivity, which is the act of produce subjectivities. It was also discussed about the education that was once intended only for families and has now been shared with other institutions such as schools and the media in general, especially television.

Keywords: Subjectivity. Television Media. Childhood.

Sumário

| | |
|---|-----------|
| 1 Introdução | 7 |
| 2 Infância, Educação e Subjetivação | 9 |
| 3 A mídia televisiva na atualidade | 18 |
| 4 Mídia e educação infantil: influências nas subjetividades das crianças | 27 |
| 5 Considerações finais | 34 |
| Referências | 35 |

1 Introdução

O trabalho em questão discute o impacto da mídia televisiva sobre o comportamento e subjetividades infantis, sua importância como agência de educação na atualidade e sua influência na subjetivação das crianças.

As experiências na infância, os sentidos produzidos a partir dessa vivência, além de influenciar na configuração da subjetividade da criança, exercem influência também na configuração subjetiva adulta. Por isso, torna-se tão importante entendermos a influência da mídia televisiva sobre a criança.

Atualmente, convivemos com um forte agente de socialização de subjetividade infantil: a mídia televisiva. O tempo que hoje as crianças passam em frente à TV, leva-nos a questionar se não recebem muito mais influência da mídia televisiva do que da própria família e da escola.

Considerando que a mídia televisiva funciona, atualmente, como um forte dispositivo de controle social, visto que é usada como um meio eficaz para ditar condutas, regras e comportamentos, principalmente de consumo. Estando presente em quase todos os meios sociais com grande capacidade de influência na maioria das pessoas, interferindo na vida cotidiana, preconizando determinados comportamentos em todas as faixas etárias.

As crianças como se encontram em fase de desenvolvimento, estão mais propensas aos efeitos da mídia, devido à imaturidade cognitiva e emocional, são mais suscetíveis a influência da mídia televisiva, pois não conseguem perceber o que é real e o que é fictício.

Para atingir os objetivos propostos, fundamentamos nossa discussão em alguns autores que estudam a subjetividade e subjetivação a partir do enfoque da Psicologia Social de construção da subjetividade e sujeito social como: Gilles Deleuze, Michel Foucault, Félix Guattari, Ariés, Vygotsky, entre outros. Para compreender a influência da mídia televisiva sobre a subjetividade e comportamento infantil nos apoiamos em algumas pesquisas nas áreas da psicologia, psicanálise, sociologia e educação.

Uma vez que entendemos subjetivação, na concepção Foucaultiana, como diferentes modos de produzir subjetividades através de dispositivos de saber/poder que atravessam as relações sujeito e social. Entender como a mídia televisiva, enquanto produtora de discursos que se tornam verdades incontestáveis que influencia o sujeito que se apropria desses discursos, tomando-os como referências de comportamentos adequados e inapropriados para a infância.

Esse trabalho acreditamos ser relevante para a Psicologia, pois queremos sinalizar aos

profissionais da Psicologia a necessidade de se analisar criticamente a influência da mídia sobre a subjetivação da infância.

A Psicologia e outras áreas de estudo sobre educação e infância se deparam com diversos problemas relacionados ao comportamento infantil de influência da televisão. Para a Psicologia a criança é um ser em construção e desenvolvimento que sofre influências dos meios nos quais se relaciona. Ela recebe influências de agentes socializadores, ou seja, grupos e ambientes. É comum encontrarmos relatos afirmando que os maiores agentes socializadores da criança são a família e a escola, os produtores de subjetividade.

A partir da análise que propomos, podemos observar que atualmente a criança está exposta e lida a todo instante com dispositivos tecnológicos de informação e de comunicação que concorrem para uma produção de modos de ser, agir, viver, pensar, de conhecer o mundo e atribuir valores, ou seja, produção de outras imagens e novas formas de relacionamento, novas formas de subjetividade.

Dessa forma, iniciaremos esse estudo apontando como se desenvolveu o conceito de infância, bem como explicar os processos de subjetividade e subjetivação. Citando como estes processos podem interferir no modo de pensar e agir das crianças.

A seguir apresentaremos uma discussão sobre a mídia televisiva e como esta exerce grande influência na atualidade, sendo um meio de comunicação que acaba estabelecendo uma realidade, construindo o processo de tornar-se sujeito, ou seja, constrói a subjetivação, que é o ato de produzir subjetividades.

O último capítulo se destina à apresentação da mídia como agente educador, influenciando nas subjetividades das crianças, alterando os seus comportamentos e modos de pensar. A educação que antes era destinada apenas às famílias, tem sido dividida com as demais instituições como escolas e os meios de comunicação, especialmente a televisão.

2 Infância, Educação e Subjetivação

Para discutir a Subjetividade e a Subjetivação na Infância, faz-se necessário pensar o que chamamos de infância, a que conceito estamos nos referindo. Assim, neste capítulo buscaremos construir um conceito de infância a partir de autores como Áries (1970), Corsaro (2011), Heywood (2004) e Postman (1999).

Ao discutir o conceito de infância, chamamos a atenção para o fato de que existe uma distinção entre o termo infância e criança, a palavra infância é proveniente da palavra *infante* que quer dizer aquele que ainda é incapaz de se comunicar, sendo assim, atualmente o termo se refere a um modo de vida das crianças, uma construção social para o qual se estruturam dispositivos de socialização, sendo resultado de transformações sociais e não se tratando de um fenômeno natural. A infância é construída a partir do contexto social e histórico, das necessidades e transformações sociais.

Apesar da prática social da infância ter surgido a partir de transformações sociais, as crianças contudo, sempre existiram e a infância é como uma condição da criança, ou seja, uma forma de viver.

O norte-americano William Corsaro (2011), da sociologia da infância, pesquisador contemporâneo, referência mundial nessa discussão, esclarece que:

Em primeiro lugar as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas. Em segundo lugar, a infância é um período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas, é uma forma estrutural. Quando nos referimos à infância como uma forma estrutural queremos dizer que é uma categoria ou uma parte da sociedade, como classes sociais e grupos de idade. Nesse sentido, as crianças são membros ou operadores de suas infâncias. Para as próprias crianças, a infância é um período temporário. As crianças são agentes ativos que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto, e a infância é uma forma estrutural ou parte da sociedade. (CORSARO, 2011, p.15).

Os conceitos de infância podem apresentar diferentes significados dependendo da etnia e cultura, em alguns lugares, a puberdade é considerada o fim da infância e início da vida adulta.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei 8.069/90) nos traz a demarcação da infância no Art. 2º considerando “criança, para os efeitos desta lei, a pessoa de até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

Ainda de acordo como o ECA (1990), a educação das crianças de até 6 anos de idade é denominada de Educação Infantil, o Ensino Fundamental tem duração de nove anos e abrange

a faixa etária de 6 aos 14 anos, sendo assim, pode-se dizer que de acordo com a divisão da escolaridade, a criança de mais de 6 anos já não é mais considerada em período da educação classificada como Educação Infantil onde o currículo é adequado para tal etapa da vida, em que irão ter a oportunidade de brincar e vivenciar a infância.

É curioso observar que de acordo com tal divisão escolar parece que o período em que realmente é vivenciada a infância não acontece após os 6 anos de idade na educação escolar. Lucariello (1995 *apud* QUEIROZ, MACIEL e UCHÔA BRANCO, 2006, p.15), afirma que:

Para a maioria dos grupos sociais, a brincadeira é consagrada como atividade essencial ao desenvolvimento infantil. Historicamente, brincar é visto como uma ação lúdica e que sempre esteve presente na educação infantil, único nível de ensino que a escola deu passaporte livre, aberto à iniciativa, criatividade, inovação por parte dos seus protagonistas. (LUCARIELLO, 1995 *apud* QUEIROZ, MACIEL e UCHÔA BRANCO, 2006, p. 15).

Para Vygotsky (1998, p. 197), um dos representantes mais importantes da psicologia histórico-cultural, “o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas, que são mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Nesta perspectiva, a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito”.

Vygotsky (1998, p. 197) ainda afirma que “a criação de situações imaginárias na brincadeira surge da tensão entre o indivíduo e a sociedade e a brincadeira libera a criança das amarras da realidade imediata, dando-lhe oportunidade para controlar uma situação existente”. A partir de tal afirmação, podemos concluir que brincar é fundamental para a criança.

A concepção de infância como construção social é apresentada pelo historiador francês Philippe Ariès (1986) por meio de seus estudos iconográficos da era medieval à modernidade. Ele sinaliza que na sociedade medieval o sentimento de infância não era claro, não percebiam a criança como um ser dotado de individualidades e diferente do adulto, não havia afeto com a mesma.

Para o historiador contemporâneo Heywood (2004, p. 13), “o interesse pelos anos da infância é um fenômeno relativamente recente, pelo que se pode deduzir a partir das fontes disponíveis. Não se tem notícia de camponeses ou artesãos registrando suas histórias de vida durante a idade média”.

O trabalho de Philippe Ariès (1970) foi um marco importante para os estudos sobre a infância, uma vez que trouxe o olhar histórico social sobre a infância, enquanto um fenômeno construído e não natural. Ele afirma que “na sociedade medieval o sentimento da infância não

existia”. Para o autor, a infância foi sendo descoberta, ou construída, a partir do século XVII, modificando a natureza das relações entre pais e filhos interferindo também na construção da subjetivação infantil.

O presente autor ainda afirma que as crianças eram cuidadas de forma especial apenas quando eram muito pequenas e dependentes dos adultos, passada esta fase, quando se tornavam aparentemente capazes de viver sem a ajuda da mãe ou ama, eram misturadas em meio aos adultos como se fossem mini adultos. Elas não eram poupadas das atividades sociais dos adultos como uso de armas, trabalho, jogos e até lhes era permitido que estivessem presentes em momentos íntimos de relações sexuais. Não havia o conceito moderno de educação, boas maneiras e vergonha.

Ariès (1986) supõe que talvez, a ausência de sentimento de infância por parte dos adultos na Antiguidade esteja relacionada a altas taxas de mortalidade infantil, as famílias tinham muitos filhos, mas, muitos morriam ainda pequenos, às vezes por falta de higiene e cuidados, a criança pequena que morria, logo era substituída por outra.

Para outro autor, Gélis (1991, p. 313), “a geração de mais filhos tinham como objetivo cumprir com as exigências de linhagens como forma de perpetuar-se”. Assim, podemos entender que a geração de mais filhos iria contribuir para a eternização de uma família.

Postman (1999), ressalta que na era medieval, as ideias sobre a infância eram originadas em Platão e seguidas por Santo Agostinho, os mesmos entendiam esta fase da vida como um estado primitivo e animalesco do ser humano, assim a palavra infância, que significava o mesmo que *infante* estava relacionada a aquele que não falava e que era privado de razão, não havia o critério etário, mas a distinção era feita pela ausência da habilidade de comunicação humana.

A criança era considerada um adulto em miniatura, sendo ela de família pobre, logo era submetida ao trabalho, já as crianças mais nobres tinham seus educadores para prepará-las para a vida adulta. Segundo Heywood (2004 *apud* SCHULTS, 1995, p. 29) “para o medievalista James A. Schultz, por cerca de 2 mil anos, desde a Antiguidade até o século XVIII, as crianças no Ocidente, eram consideradas como sendo meramente adultos imperfeitos”. (HEYWOOD, 2004 *apud* SCHULTS, 1995, p. 29).

Apesar das afirmações de Ariès (1986) quanto a ausência do sentimento de infância na Idade Média, Heywood (2004) nos esclarece que:

Existe a possibilidade da existência na Idade Média de uma consciência da infância tão diferente da nossa, que não a reconhecemos. É importante entender que a noção de criança pode ser diferente da dos adultos de várias formas e que o ponto em que

encontraremos as diferenciações estará nas concepções do que seja infância, sua duração e as qualidades que a distingue dos adultos. (HEYWOOD, 2004, P. 30).

O sentimento de infância começa a surgir no século XVI e XVII quando a criança passa a ser vista como motivo de distração para o adulto por sua ingenuidade e graça, as mulheres passam a “paparicar” as crianças melhorando assim os cuidados com as mesmas (ARIÈS, 1986).

Nesta mesma época, por influência do pensamento dos moralistas e da Igreja, e de acordo com Heywood (2004) “Os românticos idealizavam a criança como criatura abençoada por Deus, e a infância como uma fonte de inspiração que duraria a vida toda”. (HEYWOOD, 2004, p. 11). As crianças passam a ser consideradas criaturas inocentes e bondosas que precisavam ser cuidadas, vigiadas, corrigidas e preservadas de algumas atividades do mundo adulto como a violência e o sexo, com isso, surge a necessidade de separá-las do mundo adulto e começam a surgir também as escolas.

A infância passa a ter um lugar importante dentro das famílias, e estas passam a ter um novo sentimento e uma nova organização por meio do desejo de individualidade reduzindo as formas de vida comunitárias tradicionais. Houve uma mudança na esfera cultural, passível de ser atribuída à crescente influência do Cristianismo e um interesse novo pela educação.

De acordo com Postman (1999), no século XVI com o surgimento da imprensa e da alfabetização socializada, temos um novo ambiente de comunicação e com isso, a capacidade de leitura traz uma nova definição de idade adulta e uma nova concepção de infância, pois aqueles que eram capazes de ler, eram considerados adultos, já os que não liam eram considerados crianças. Sendo assim, o critério para se distinguir adulto de criança era a capacidade de ler. Para Postman (1999), o conceito de infância surge com a criação da imprensa.

Postman (1999) ainda completa dizendo que quando o modelo da infância tomou forma, o modelo da família moderna se transformou. O acontecimento essencial na criação da família moderna foi a invenção e depois expansão da escolarização formal. “A exigência social de que as crianças fossem formalmente educadas por longos períodos levou a uma reformulação do relacionamento dos pais com os filhos” (POSTMAN, 1999, p. 58).

As classes mais altas desejavam que seus filhos fossem alfabetizados para que pudessem lidar com os papéis das transações comerciais, também era de interesse dos luteranos e moralistas que as pessoas soubessem ler as Bíblias vernáculas junto às queixas contra a igreja, perceberam então que quanto mais cedo se desse a iniciação ao aprendizado

da leitura melhor seria, assim, as crianças passaram a frequentar a escola, e a infância passa a ser definida pela frequência escolar.

Ao final do século XVI, a educação ficou quase inflexivelmente ligada à idade cronológica das crianças, os estágios da infância tornaram-se mais visíveis, a linguagem da criança começou a se diferenciar da fala do adulto, não sendo mais considerados como infantes, também o vestuário infantil diferenciou-se dos adultos, a infância passou a ter características próprias.

Outra questão importante do final do século XVI a ser tratada é o surgimento da associação de sexualidade com vergonha, pois quando o sentimento de infância se desenvolveu os adultos começaram a ocultar diversos assuntos das crianças como morte, dinheiro, violência, relações sexuais e doenças. Postman (1999) nos afirma que o conhecimento desses segredos culturais passou a ser uma das características distintivas da idade adulta, de forma que, até recentemente, uma das diferenças importantes entre a criança e o adulto residia no fato de os adultos estarem de posse de informações que não era considerada adequada às crianças.

No século XVIII, com o desenvolvimento do capitalismo começam a surgir separações entre as esferas públicas e privadas, instaura-se o modelo de família burguesa onde as crianças passam a ser responsabilidade dos pais e começam a mudar os valores especialmente em relação à educação das mesmas.

Como ressalta Heywood (2004, p. 37) “no século XIX, abriu-se o caminho para que cientistas educadores estudassem a infância em grande escala”. Ele completa dizendo que:

John Locke em seu livro “Algumas reflexões sobre educação”, foi um importante autor para projetar a imagem da criança comparando-a a uma tabula rasa desprovida de qualquer conhecimento”. A noção lockiana era a de que a educação poderia fazer uma grande diferença para a humanidade. Rousseau com idéias que se diferem das de Locke, também foi importante para a imagem da criança, ele se opôs a tradição Cristã do pecado original e organizou seu livro em torno de uma série de etapas durante a infância, e afirmou que “a infância tem formas próprias de ver, pensar, sentir, sua forma de raciocínio é diferente das dos adultos”. (HEYWOOD, 2004, p. 37).

As crianças passaram a ser objeto de respeito e separadas do mundo adulto, não eram mais adultos em miniatura, separando-se pessoas criam-se novas classes de pessoas sendo as crianças um exemplo histórico e humanitário. Para Postman (1999):

Todos esses acontecimentos foram sinais externos do surgimento de uma nova classe. Eram pessoas que falavam de modo diferente dos adultos, que passavam seus dias de modo diferente, vestiam-se diferente, aprendiam de modo diferente e, no fim

das contas, pensavam de modo diferente. O que tinha acontecido – a mudança estrutural subjacente – era que por meio da tipografia e sua serva, a escola, os adultos adquiriram um controle sem precedentes sobre o ambiente simbólico do jovem, e estavam, portanto, aptos e convidados a estabelecer as condições pelas quais uma criança iria se tornar adulto. (POSTMAN, 1999, p. 58).

A partir do momento em que a sociedade passa a entender a infância como algo diferente e que antecede a fase adulta, surge a preocupação em se fazer com que a criança saiba se comportar em meio aos adultos e seja preparada para se tornar um adulto que saiba agir de acordo com os padrões de comportamento de uma determinada época. É possível afirmar que a educação passou a ser de fundamental importância para a transformação da criança.

Como nos afirma Gélis (1991, p. 313), “as aprendizagens da infância deviam, pois ao mesmo tempo fortalecer o corpo, aguçar os sentidos, habilitar o indivíduo a superar os revezes da sorte e principalmente a transmitir também a vida, a fim de assegurar a continuidade da família”.

Heywood (2004, p. 27) argumenta que “mesmo assim, velhas maneiras de se pensar sobre a infância ainda persistiram no século XX, pesquisadores consideravam a criança como um organismo incompleto, o mais importante era encontrar formas de transformar a criança imatura em um adulto maduro”.

Sendo a educação de grande importância para compreendermos mais a respeito da infância, se torna relevante discorrermos brevemente sobre ela. De acordo com Brandão (1981) “tudo o que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar, mesmo onde ainda não criaram a escola”. (BRANDÃO, 1981, p. 22).

A educação pode ser entendida como formas vivas de ensinar-e-aprender, e o processo no qual ela acontece pode ser chamado de socialização, ou seja, o processo em que alguém aprende os modos de viver de um determinado grupo social para que possa funcionar dentro dele, ela existe como forma de relações interpessoais em qualquer meio, seja no âmbito familiar ou em outras redes sociais, visa tornar o indivíduo adaptável ao seu meio físico e social. É uma prática social que por meio de variadas formas, reproduz tipos de sujeitos sociais de acordo com as necessidades e exigências do momento (BRANDÃO, 1981, p. 23).

Quando mencionamos que por meio da educação acontece a socialização e assim a produção de tipos de sujeito, nos aproximamos do que possa ser a subjetivação, lembrando que subjetivação não é o mesmo que educação, pois a educação produz subjetivação, ela é capaz de produzir modos próprios de subjetivação de acordo com seus propósitos. Assim,

podemos dizer que a educação faz parte do processo de subjetivação, ou seja, dos modos de produção de sujeitos.

Gélis (1991, p. 313), afirma que “há uma forma de educação em comum, um conjunto de influências que fazem de cada ser um produto da coletividade e prepara cada indivíduo para o papel que dele se espera”. Através da afirmação de Gélis (1991), podemos dizer que a educação possui suas próprias intenções na socialização e formação do sujeito.

A subjetivação diz respeito ao modo como se influencia ou se deseja influenciar a maneira de ser de um indivíduo, interferindo no que o particulariza, também se pode dizer que é uma maneira de se dar forma ao sujeito. O processo de subjetivar, no qual participa a educação, é um processo interno, de constituir a subjetividade que envolve o sujeito, ele participa ativamente desta ação, a mesma acontece a partir do social, das instituições que perpassam o sujeito, dos seus diferentes agenciamentos.

Para o Psicólogo González-Rey (2003), “(...) a subjetividade é um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social” (GONZÁLEZ-REY, 2003, p. 202).

González-Rey (2003), introduz a categoria de subjetividade social e assim nos esclarece que: “(...) a subjetividade não é um fenômeno individual, não é associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva”. (GONZÁLEZ-REY, 2003, p. 203).

Entendemos que a subjetividade social é um sistema complexo e está ligada aos diferentes processos de institucionalização do sujeito, inclusive a escola onde a criança se encontra inserida. Assim, na subjetividade social da escola, como nos afirma González-Rey (2003), além dos elementos de sentido de natureza interativa gerados pelo espaço escolar, encontramos elementos de posição socioeconômica, de raça, costumes, familiares, etc., que se interagem com elementos imediatos dos processos sociais atuais da escola.

É bom destacar que, hoje, a criança é vista, pela sociologia da infância, como ator, sujeito ativo, inclusive no seu processo de subjetivação.

Segundo Corsaro (2011) “a criança é vista como alguém apartada da sociedade, que deve ser moldada e guiada para ser tornar funcional”. (CORSARO, 2011, p. 19). A afirmação de Corsaro (2011) indica que o fato de fazer com que a criança se torne funcional através do moldar nos leva a compreender que a infância deve ser subjetivada para que possa fazer parte da sociedade.

Corsaro (2011), afirma ainda que “é comum que os adultos vejam as crianças de forma prospectiva, isto é, em uma perspectiva do que se tornarão - futuros adultos, com um lugar na ordem social e as contribuições que darão”. (CORSARO, 2011, p. 18).

Mas mesmo que as instâncias de educação busquem “moldar” as crianças de forma passiva, ainda assim, elas constituem suas elaborações, transformações, criam suas culturas de pares.

A infância é atravessada pela educação que faz parte dos processos de subjetividade tanto social quanto individual, pois podemos dizer que a educação existe como forma de relações interpessoais em qualquer ambiente, ela se encontra tanto no espaço escolar como no espaço não escolar.

Existem diferentes modos de subjetivação da criança, seja através da educação escolar, não escolar, por meio da transmissão dos grupos como pais, professores, parentes, amigos, vizinhos, igrejas entre outros e também por meio da mídia televisiva na qual falaremos nos capítulos seguintes. Quando falamos da educação escolar, de acordo com Brandão (1981) “o ideal da educação escolar é o de reproduzir uma ordem social através da transmissão, de geração em geração, tornando o homem tão mais perfeito quanto mais preparado para viver na cidade a que servia”. (BRANDÃO, 1981, p. 44).

Em suma, existem várias formas de se educar além de um conjunto de sentidos subjetivos (González-Rey, 2003), de diferente procedência social que se integra na configuração única e diferenciada da subjetividade social da escola.

A criança é capaz de aprender os símbolos, padrões, expectativas e sentimentos do mundo em sua volta, com isso, ela aprende papéis e comportamentos socializados, ou seja, como se vestir, como falar, como agir, entre outros por uma combinação de técnicas que são aplicadas pela escola, pela família, pela mídia televisiva e pelos demais ambientes aos quais ela frequenta.

Ao passo que aumentam as experiências da criança, ela se familiariza com suas posições e papéis, seus direitos e obrigações mudam. Desta forma, são encaradas e tratadas de modos diversos, existe a padronização de comportamento, sendo tais comportamentos os esperados.

A escola, como instituição educacional, é vista pela sociedade como responsável por transmitir certos conhecimentos básicos para a vida, como ajudar no alcance da independência emocional, reforçar valores, ser pontual, escrever de forma legível, não desperdiçar material, lavar as mãos antes de se alimentar, calar-se quando o professor for falar, esperar sua vez de falar e aprender os valores transmitidos pela escola.

Segundo González-Rey (2003), “(...) ao entrar na vida social, a pessoa se vai transformando em sujeito.” “As formas de subjetivação das diferenças individuais, têm muito a ver com os modelos dominantes de subjetividade social”. (GONZÁLEZ-REY, 2003, p. 207).

3 A mídia televisiva na atualidade

A mídia se refere especificamente aos meios de comunicação de massa, especialmente aos meios de transmissão de notícias e informação, tais como jornais, rádio, revistas e televisão. Seu sentido pode se ampliar ao se referir a qualquer meio de comunicação de massas, não apenas aos que transmitem notícias. Ao referir-se aos meios de comunicação em geral, que atingem a grande massa, especialmente a televisiva, percebemos que esta exerce grande influência na atualidade.

A mídia televisiva é um meio que consegue através dos seus processos de captura influenciar grande parte das pessoas. Assim, ela pretende transmitir ideias, crenças e comportamentos como verdadeiros, o que a torna um instrumento de convencimento e atração. Ela também acaba conseguindo controlar, manipular e modelar as crianças, buscando formas de atraí-las, não se importando com a qualidade ou produção, mas sim em obter resultados de venda.

Conforme Deleuze (1992, p. 120), a promoção das vendas, que ocupa uma parcela significativa da programação televisiva intervém nos processos de subjetivação do conjunto da sociedade produzindo, como efeito, a adoção de um estilo de vida caracterizado pelas operações de mercado: venda da força de trabalho e compra de bens ou serviços. É o que Guattari (1996) pretende colocar em destaque quando afirma: “A mídia sempre atua através de mediação de processos de subjetivação”. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 120).

Assim, Deleuze (1992, p. 223-224) pontua que “Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. (...). As conquistas do mercado se fazem por tomada de controle e não mais por formação de disciplina”.

Como a criança ainda não desenvolveu certas habilidades como as dos adultos, pois ainda está em processo de construção, elas são mais suscetíveis a influência da mídia. Acabam sendo controladas sofrendo influência nas suas referências e desejos. Então podemos notar que a mídia estabelece uma realidade que é alienante e conveniente para ela, estabelecendo o processo de tornar-se sujeito, ou seja, construindo modos de subjetivação, que é o processo de produzir subjetividades.

A subjetividade é essencialmente social, construída e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o

indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo de singularização (GUATTARI E ROLNIK, 1996, p. 33). Nas palavras de Foucault:

Para compreendermos as formas de subjetivação da mídia em nossa sociedade atual, é preciso, primeiramente voltar nosso olhar para a construção histórica, social e ideológica dos discursos e práticas que influenciaram nestas produções de saberes (Foucault, 2001).

De acordo com Wanda Jorge (2004), as crianças passam, em média, 3,5 horas por dia em frente à televisão. “Em estudo feito pela Unesco, o tempo que as crianças gastam assistindo a televisão é, pelo menos, 50% maior que o tempo dedicado a qualquer outra atividade do cotidiano, como fazer a lição de casa, ajudar à família, brincar, ficar com os amigos e ler” (JORGE, 2004, p. 55). Assim, quem é bem informado tem o fator central de desenvolvimento, pois através das informações ela consegue se comunicar sobre diversos assuntos que são transmitidos pela mídia televisiva.

Segundo Bourdieu (1997, p. 29), “(...) e insensivelmente a televisão, que se pretende um instrumento de registro, torna-se um instrumento de criação da realidade. Caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito/prescrito pela televisão. A televisão se torna o árbitro do acesso à existência social e política”.

Assim, Virillo (1999), indica:

O processo midiático, enfatizou o autor, passa a ter, na mente do indivíduo, um efeito ainda mais importante do que a sua própria realidade imediata, transformando-se em “realidade virtual”, ou seja, a mídia tende a ultrapassar e a se antecipar ao acontecimento, antes que ele venha a se tornar, ou não, realidade de fato. (VIRILLO, 1999, p. 21-22).

Dessa forma, a mídia televisiva transmite a realidade, e as crianças acabam tornando essa realidade, em suas condutas. A mídia constrói o que é real ou não, e as crianças acabam por fantasiar o que é fictício, tornando como verdade absoluta. As crianças, em especial, imitam o que vêem na tela ou incorporam padrões de comportamento por ela propostos. Assim, é com esse meio de comunicação que atualmente vão se construindo a subjetivação das crianças. Na atualidade a mídia televisiva possui um forte poder de influência sobre a subjetivação infantil, pois a sociedade de controle é o fator no qual as crianças estão imersas.

Conforme Deleuze (1992, p. 192), seria preciso um mínimo de controle sobre os meios de expressão. Se não, logo nos vemos na televisão respondendo a perguntas idiotas, ou em vias de ‘discutir um pouco’ num face a face ou num costas contra costas. Então, participar na produção do programa? É difícil, é um ofício, nem mesmo somos nós os clientes da televisão;

os verdadeiros clientes são os anunciantes, os famosos liberais. Não seria divertido ver os filósofos serem patrocinados, vê-los com um monte de marcas no blusão, mas, talvez já aconteça.

A publicidade transmitida pela mídia é algo que acaba por influenciar as crianças, pois se sentem atraídas pelos produtos e querem consumi-los. A criança é um ser que vê, escolhe e compra e por isso a televisão faz propagandas voltadas para ela. As observações de Deleuze nos admitem considerar que a mídia televisiva tem uma ação estratégica nas formas de controle que estão se formando hoje. O autor propõe duas denominações possíveis para o atual estágio das sociedades capitalistas: “sociedades de controle ou de comunicação” (DELEUZE, 1992, p. 217).

De alguma maneira, as consequências do controle da mídia começam a se tornar evidentes nos diferentes contextos da vida cotidiana. A mídia televisiva interfere, introduzindo na sua programação situações similares àquela vivida no cotidiano das crianças. Desse modo, percebe-se que a mídia contribui para a construção de identidades e subjetividades infantis. Perante este processo a mídia, é capaz de controlar, manipular e insinuar, garantindo a captura e um conseqüente vício, na qual as crianças não conseguem se desvincular, produzindo assim interferência na subjetivação.

Notamos que não só os processos psíquicos participam na formação do sujeito, mas também as interferências e as influências do meio. A possibilidade e o efeito de atração e de sedução, através da imagem, são instrumentos da comunicação quase invencíveis na divulgação desses modelos e de comportamentos.

Além disso, a idéia de produção da subjetividade pode ser enriquecida pela noção de subjetivação (Foucault, 1988, 1990; Deleuze, 1992). Essa noção vem sempre precedida das palavras "formas", "modos", "processos", que apontam que a subjetivação nunca está acabada, mas se constitui como um processo contínuo (Prata, 2001). A partir dessa perspectiva, há múltiplas maneiras diferentes de se subjetivar no decorrer da história, em que o sujeito pode fixar, manter ou transformar sua identidade (Foucault, 1997).

A relação complicada entre poder, saber e verdade, conforme descrita por Foucault, nos ajuda a entender esse empenho da mídia em falar o mesmo linguajar do seu público infantil. Foucault (2003) direciona sua atenção principalmente para um tipo bem específico de verdade, aquelas que produzem subjetividades e que atualmente tem sido ditas como “verdadeiras” no contexto midiático a fim de produzir um tipo bem específico de sujeito. Nas palavras de Foucault:

“[...] há uma luta pela verdade, se se entende a verdade não como “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, e sim como “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”. (FOUCAULT, 2001, p. 13).

Na atualidade nota-se a grande influência que a mídia televisiva parece exercer sobre as crianças, seja na maneira de agir, pensar, vestir, comprar e se posicionar no mundo. A mídia televisiva é organizada de forma a aumentar o consumo, moldar, educar e informar. Atualmente, o meio de comunicação com maior poder de desenvolvimento da indústria cultural é a televisão.

A televisão apropria-se da criança enquanto consumidor, dirigindo comportamentos, ditando modismos, conduzindo à alienação e impedindo a interação familiar e, no campo social, atuando, sobretudo, no desenvolvimento de valores e na formação da criança. (PACHECO, 1998, p. 60).

Nos tempos atuais, a televisão cultiva com a criança uma relação emblemática, é com ela que conhecem novos produtos e serviços, as novas tendências da moda e os assuntos conversados nos grupos de amigos ou com os pais são pautados pela televisão. Com isso as crianças estão se comportando mais precocemente semelhante aos adultos. Nas palavras de Postman:

Para onde quer que a gente olhe, é visível que o comportamento, a linguagem, as atitudes e os desejos - mesmo a aparência física - de adultos e crianças se tornam cada vez mais indistinguíveis. Certamente é por esse motivo que existe um movimento crescente no sentido de reformular os direitos legais das crianças para que sejam mais ou menos os mesmos dos adultos. (POSTMAN, 1999, p. 18).

Se observarmos as crianças podemos notar que esta procura se expressar como os adultos e repetem o que ouvem na mídia. Se analisarmos a televisão como comércio, veremos o poder de convencimento que ela possui através de suas propagandas que influenciam pais e filhos na compra de determinados produtos. É preciso esta preocupação com a infância já que as crianças não somente reproduzem mediante o que assistem na televisão, mas recriam e constroem outras possibilidades que fazem parte do seu mundo subjetivo. As crianças de hoje tem seu processo de construção subjetiva marcada não apenas pela relação com a família e a escola, mas também com a mídia que atualmente faz parte constante do tempo diário.

A maneira como a criança interpreta o que assiste na televisão acaba por exercer influências nas suas relações com o meio, intercedendo nas suas experiências e recriando a sua realidade da sua vida cotidiana. Por meio da linguagem infantil podemos perceber que o

fato da criança ter nascido neste ambiente televisivo, apesar de interferir na sua realidade faz com que a criança através da linguagem construa representações sobre o que assiste.

A televisão no mundo atual assumiu o controle da informação, que antes era feito especialmente pela família e pela escola, exercendo um papel fundamental na vida das crianças, criando valores, modos de ser e padrões de comportamentos. Dessa forma, Foucault nos alerta sobre a urgência de se ver a subjetividade para além da individualidade:

O problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado e do tipo de individualização a ele vinculado. Temos que promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que nos foi imposto durante séculos. (FOUCAULT, 1989, p. 10).

Assim, Foucault (1989) nos diz que no contexto em que a criança está inserida e o que vivencia no seu cotidiano, representa muito da sua vida, colaborando na sua maneira de pensar e agir. Deste modo, o que a criança assiste na televisão se encontra interligado nas suas experiências individuais e coletivas, formando a sua subjetividade. Nesse sentido, é possível compreender que a construção de subjetividade não nasce de forma avulsa, ela ocorre na interação do sujeito com as suas inúmeras experiências.

As considerações de Postman, (1999) no seu livro “Desaparecimento da infância”, no qual ele relata sobre a infância, contribui para uma nova reflexão a partir do questionamento das novas formas de subjetivação e identificação das crianças construídas na conexão com os convites da mídia e da indústria cultural, afirmando que a criança produz conhecimento a partir do que assiste e interpreta, dialogando as histórias de seus desenhos animados com fatos da sua própria vida.

Félix Guattari (1992, p. 14), atribui às tecnologias de comunicação, especialmente as mais recentes, como as mídias eletrônicas, a informática e a telemática, o papel de operarem na heterogênese do humano, contribuindo para a produção de novas subjetividades. Nas palavras de Guattari esse movimento se dá a partir de:

1. componentes semiológicos significantes que se manifestam por meio da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. elementos fabricados pela indústria dos mídia, do cinema, etc.; 3. dimensões semiológicas a-significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente lingüísticas. (GUATTARI, op. cit., p. 14).

A subjetividade não está sendo encarada aqui como uma coisa em si, essência imutável. Existe esta ou aquela subjetividade, dependendo de um agenciamento de enunciação

produzi-la ou não (Exemplo: o capitalismo moderno, através da mídia e dos equipamentos coletivos, produz, em grande escala, um novo tipo de subjetividade). Atrás da aparência de subjetividade individuada, convém procurar situar o que são os reais processos de subjetivação (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 322).

A essa máquina de produção de subjetividade eu me oporia a idéia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de ‘processos de singularização’, uma maneira de recusar esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e tele comando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 16-17, grifo do autor).

O capitalismo é obrigado a construir e impor seus próprios modelos de desejo, e é essencial para sua sobrevivência que consiga fazer com que as massas que ele explora os interiorizem. Convém atribuir a cada um: uma infância, uma posição sexual, uma representação do amor (...). As relações de produção capitalista não se estabelecem somente na escala dos grandes conjuntos sociais; é desde o berço que modelam um certo tipo de indivíduo produtor-consumidor. (GUATTARI, 1987, p.188).

Notamos que a mídia televisiva atualmente se faz presente na vida das crianças e como esta, influencia nas suas vidas. Afinal, as crianças podem ser consideradas telespectadores que absorvem o que assistem, analisam as programações dos canais e criticam de acordo com suas opiniões, de acordo com o que os pais ensinam ou de acordo com o que aprendem na escola. A mídia pode ensinar coisas positivas ou coisas negativas, podendo também influenciar no comportamento de uma criança. A construção de personalidade acontece inevitavelmente, e durante essa fase, a criança receberá bases e princípios que levará durante toda a vida. Nas palavras de Guattari:

os territórios existenciais são pré-fabricados, de certa maneira promovendo uma alienação da população, e os novos territórios que surgem são logo adaptados para os folhetins eletrônicos, moldando, controlando e rotulando as formas insurgentes que aparecem. “A cultura não é apenas uma transmissão de informação cultural, sistemas de modelização, mas é também uma maneira de as elites capitalísticas exporem um mercado geral de poder”. (GUATTARI, 1996, p. 27).

Estamos diante de um capitalismo dirigido essencialmente no consumidor, no mundo do mercado midiático e do consumo. O caminho hoje é contrário, capturam primeiro as necessidades e os desejos do consumidor para que a indústria possa ser moldada em função de seus objetivos, sobretudo em relação ao ideal do progresso individual no domínio do mercado.

Observamos que é de interesse para o capitalismo que a mediação dos meios de comunicação de massa gere um pensar em nós infantilizador, fazendo com que o sujeito não se conceba como capaz de caminhar com autonomia e auto-referência, bloqueando-se, a partir daí, qualquer possibilidade de linhas de fuga criativas e heterogênicas.

As relações do sujeito com o mundo, atualmente são marcadas por modificações fundamentais, com evidência a velocidade da informação e o avanço tecnológico. A comunicação desempenha um papel central no movimento de globalização, dela fazendo parte a divulgação da informação cada vez mais eficiente e rápida. A mídia influencia a vida social e as possibilidades de interferência no processo de subjetivação.

A mídia com esta acelerada circulação de modelos identificatórios e de formas de comportamentos apresenta um leque de performances e de possibilidades que é alcançada, de forma quase imperceptível. A evidência em relação à mídia televisiva deve-se à fantasia de perfeição que a imagem comporta, como se nela nada faltasse. Além disso, por ser um veículo que dá maior veracidade e realidade ao que é mostrado, conserva um domínio incontestável, pois o seu alcance é imediato e atinge milhares de pessoas ao mesmo tempo.

As informações transmitidas pela mídia, em especial pela televisão, circulam pelos mais diversos pontos do mundo, sem fronteiras e juntam cotidianos que habitam terras distantes. Assim, mostram, acontecimentos, fatos e conflitos, que são anunciados ao vivo ou próximo do momento em que ocorrem.

Conforme Foucault (1979), podemos considerar que o poder não opera simplesmente oprimindo ou dominando as subjetividades, mas agindo na sua própria constituição, o que nos consente averiguar de forma detalhada aquilo que se encontra na base de sua formação.

(...) uma linha de subjetivação é um processo, uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está para se fazer, na medida em que o dispositivo o deixe ou o faça possível. É uma linha de fuga. Escapa às linhas anteriores, escapa-lhes. O “Si Próprio” (Soi) não é nem um saber nem um poder. É um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos: uma espécie de mais-valia. Não é certo que todo dispositivo disponha de um processo semelhante. (DELEUZE, 1990, p. 156).

Ao falarmos de ‘subjativação’ estamos considerando que esta expressão constitui, "um modo intensivo e não um sujeito pessoal" (Deleuze, 1990, p. 135). Dessa forma, podemos dizer que um processo de subjativação demonstra a maneira surpreendente pelo qual se produz subjetividades.

Foucault (1996) afirma que o sujeito pertence a uma sociedade e é estruturado pelo que o seu meio social fornece para ele. Tudo o que o ‘indivíduo’ é, é senão por influência, por uma como que ‘permissão’ da sua sociedade. O sujeito é necessariamente social, na medida em que não pode ser separado da sociedade a qual pertence.

Dessa forma, já que o meio social está em permanente mudança, o sujeito está sendo constantemente modificado. Seus valores, crenças e opiniões são oferecidos pela sociedade e transformados por ela. Assim, o sujeito não é fixo, ou seja, ele não é constante, ele está sempre em movimento e suscetível a mudanças.

Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história. (FOUCAULT, 1996, p. 10).

A maneira como o sujeito percebe o mundo e assimila, mostrará como este sujeito se constituirá. A subjetividade é estruturada de acordo com o que o meio social lhe fornece. Deste modo, a mídia televisiva tem a capacidade de controlar a maneira como essa subjetividade será criada. A existência dos processos de subjativação se faz necessária para que possua um controle e adequação da massa social consumidora. Conforme Guattari (1996), “As crianças conseguem não sê-lo por algum tempo, enquanto não sucumbem a essa produção de subjetividade. Depois, elas também se infantilizam” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 26).

A televisão funciona através do uso de mecanismos cognitivos, onde o cotidiano se torna artifício essencial para a direção, incorporação e repertório que sustentam suas programações diárias, fazendo com que o telespectador se identifique com seu conteúdo, e se vê admirado com as imagens e os discursos, que são transmitidos.

A mídia pode ser consumida de diversas formas pelos cidadãos, intervindo em suas reflexões nos mais variados aspectos de suas vidas. A televisão é sem dúvidas um instrumento poderoso de dominação, esta que utiliza a linguagem, mas acima de tudo à imagem que tem significado, muitas vezes impactante e deturpador da realidade. A imagem envolve e prende a atenção do telespectador.

Deste modo, a mídia televisiva atualmente tem a função social de informar o público infantil sobre assuntos de interesses mercadológicos, capitalistas e publicitários. Mesmo que, por vezes, esses assuntos sejam noticiados de maneira exagerada. Os motivos de transmitir e noticiar um fato desta ou daquela forma dizem respeito apenas ao interesse da mídia, pois querem despertar o interesse do público infantil a partir das suas publicações, o que acaba por influenciar grande parte das crianças.

4 Mídia e educação infantil: influências nas subjetividades das crianças

A mídia televisiva atualmente tem assumido, nas relações familiares, lugar de evidência e vem ganhando espaço nos mais variados lugares. Deste modo, o que podemos observar é que as relações familiares estão fragmentadas, os pais na maioria das vezes trabalham o dia todo, reduzindo o contato com os filhos. Assim, a criança assiste televisão, buscando, uma forma de passar o tempo ou pelo simples fato de obter uma companhia, pois na falta de uma atividade programada para fazer, ver televisão é a melhor alternativa. Ela não exige treinamento, planejamento ou esforço. Para a criança, a mídia é a possibilidade de participar de mundos diferentes, onde se fica entretido e interessado, sem se lembrar da realidade. Por um determinado período de tempo, a televisão traz conforto, segurança e divertimento.

Desta forma, a educação que antes era destinada apenas às famílias, tem sido dividida com as demais instituições como escolas e os meios de comunicação, especialmente a televisão. Ela faz uso de imagens que produz significações, que de alguma forma se dirigem a crianças, isto é, ensina o modo de ser e estar dentro da sociedade em que vivem. Nas palavras de Ferrés (1996):

De alguma forma, a televisão substitui a função materna. Ocupa um lugar de destaque dentro do lar. É o ponto de referência obrigatório na organização da vida familiar. Está sempre a disposição, oferecendo a sua companhia a qualquer hora do dia ou da noite. Alimenta o imaginário infantil com todo tipo de fantasias e contos. É um refúgio nos momentos de frustração, de tristeza ou de angústia. E, como uma mãe branda, nunca exige nada em troca. (FERRÉS, 1996, p. 7).

Devido ao extenso período que as crianças assistem televisão, esta acaba por substituir as brincadeiras, leituras e jogos que ajudam a estimular a criatividade. Só que neste período que elas estão em frente à televisão estão expostas a diversas programações, como por exemplos noticiários, que trazem temas como violência e sexo, e conforme a idade da criança ela não sabe diferenciar corretamente todas essas informações.

Segundo Guareschi (2004), a mídia constitui um novo personagem dentro de casa, que está presente em nossas vidas e com quem nós estamos em intenso contato, muitas horas por dia. Esse personagem é infiltrado nos lares, com sua voz poderosa, apenas nos dá respostas, agrega valores e estabelece relações hierárquicas, atrai os receptores a valorizarem e adotarem seus dizeres e modos de ser, agindo no cotidiano das pessoas e na vida social. Por meio de tais práticas, a mídia, torna os seres humanos seus reféns, reconstruindo e modelando suas subjetividades. Assim, Guareschi e Biz (2005) indicam:

[...] a mídia é comparada com o ‘coração’, sendo considerado o coração da sociedade de informação que é a realidade no qual os indivíduos estão inseridos. Viver atualizado é a forma mais moderna de desenvolvimento social. Os livros, os jornais, as revistas continham em seus textos dados necessários à divulgação do conhecimento, entretanto, a aceleração do desenvolvimento tecnológico veio desafiar a vida social através da exploração de informações por meio da junção de texto, imagens e sons. (GUARESCHI E BIZ, 2005, p. 29).

As crianças se identificam tanto com a televisão, por ser uma ferramenta simples, de fácil acesso e com uma linguagem direta. Ela não é como um livro ou jornal que você precisa ler, para obter informações, a televisão e a informação facilmente, está ali, pronta para ser consumida.

De acordo com Pacheco (1998), a televisão é um meio de comunicação que amplia as possibilidades imaginárias das crianças, desencadeando ao caráter lúdico e da fantasia que esta possui e transmite. Estas possibilidades levam a criança a confrontar a realidade vivida com a fantasia do mundo televisivo, estimulando a criatividade. “É por meio dessa magia, desse fantástico, que a criança elabora suas perdas, materializa seus desejos, compartilha sua vida, anima, muda de tamanho, liberta-se da gravidade, fica invisível e assim comanda o universo por meio de sua onipotência” (PACHECO, 1998, p. 34).

A televisão, pelo fácil acesso por parte das crianças, é um meio indiscutível de formação de opinião e acesso de conhecimento. Sabemos que ela tem o poder de trazer as informações em tempo real, e de atingir diferentes classes e culturas do mundo, criando interação e proporcionando divertimento.

A mídia televisiva tem uma forte importância na organização do pensamento infantil através de sua dimensão educativa que se constitui a partir da função de entretenimento. As crianças fazem da televisão uma das principais fontes de lazer e os conteúdos lúdicos transmitidos pelas mensagens destinadas a elas passam a fazer parte do imaginário infantil, servem para a prática capitalista, constituindo apelo ao consumismo, atingindo, especialmente, as crianças do apelo ao consumismo e que consegue a partir destas mensagens atingi-las rapidamente.

Segundo Fischer (2002), a mídia participa da constituição de sujeitos e subjetividades na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma maneira se dirigem à "educação" das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na sociedade em que vivem. Assim, podemos destacar que não se pode negar que a mídia exerce influência na formação das crianças ao lado da escola, família e da sociedade.

A televisão, na condição de meio de comunicação social, tem uma participação incisiva na formação das pessoas, mais enfaticamente nas crianças, interferindo no modo de

ser e de pensar, ou seja, produzindo subjetividades. Dessa maneira, a subjetividade é produzida por diferentes discursos, pelas relações de poder e pelas relações que o sujeito estabelece consigo mesmo e com os outros. Como pontua Fischer (2002):

Entendo que a televisão é parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. Enfim, analiso aqui a TV na sua íntima relação com a produção de modos de subjetivação na cultura. (FISCHER, 2002, p. 154).

Dessa forma, a televisão tem adquirido grande importância no cotidiano das crianças e participado da “constituição” de sua subjetividade, pois o conteúdo das mensagens transmitidas pela mídia televisiva são muito bem elaborados, com muitos recursos persuasivos que passa não só a constituir a opinião do público infantil, mas vem a determinar e concretizar os seus valores e crenças. Conforme Guareschi (2004):

Será que o novo personagem não tem nada a ver com a construção de nosso ser, de nossa subjetividade? Se nós somos o resultado da soma total de nossas relações, será que as relações que estabelecemos com a mídia não teriam algo a dizer sobre o que somos? (...) A psicologia está pensando e pesquisando a formação do ser humano, de sua subjetividade nos dias atuais? Que tipo de pessoas estão sendo construídas dentro dessa nova sociedade midiada? Que comportamentos e atitudes tornar-se-ão preponderantes na vida das pessoas? (GUARESCHI, 2004, p. 32-33).

Desse modo, para as crianças não importa qual o conteúdo que estão assistindo, se tem representação educativa ou não, elas, na verdade buscam apenas uma forma de entretenimento, distração e brincadeira. Ocupando as horas vagas com o conteúdo televisivo, que está sempre à disposição e é extremamente acessível, pois muitas vezes as crianças passam mais tempo assistindo televisão do que na companhia dos pais.

A televisão é um meio de comunicação que traz diversão e informação, se tornando muito atraente na fase inicial de formação da criança, porém, o problema está no seu mau uso. Devido o tempo que se passa assistindo televisão acaba sendo trocado por outras atividades saudáveis, como leituras, trabalhos escolares e interação com a família.

Segundo Pacheco (1998), "Crianças usam a TV como uma das fontes de onde extraem material para organizar e interpretar suas experiências vividas, só que essa fonte tem uma energia tremenda. É aí que devemos entrar como professores e pais responsáveis". (PACHECO, 1998, p. 48). Completando a fala de Pacheco, podemos dizer que os Psicólogos têm importante papel na compreensão da influência da mídia televisiva na subjetivação infantil e na orientação de pais e professores.

De acordo, com as palavras de Postman (1999), a televisão trouxe grandes modificações, pois este meio de comunicação domina e afeta intensamente as relações sociais, e que acaba adquirindo influência na subjetivação das crianças antes que a escola tenha a chance de realizá-la.

As mídias televisivas vem sendo questionadas pela “comercialização” da infância e por realizar uma transformação das crianças em consumidoras ambiciosas, sendo as crianças conduzidas pela sedução enganosa das publicidades e acabam almejando aquilo que não precisam. Assim, a mídia exhibe um fascínio pela ideia de infância, pelo fato de quererem atrair os principais consumidores da atualidade.

Assim, Postman (1999) afirma que vivenciamos atualmente o desaparecimento da infância devido principalmente, ao contato das crianças com a mídia. Dialogando com o autor, acreditamos que a infância não está desaparecendo com o aparecimento da mídia televisiva, mas está se criando uma nova criança, que devemos apreender a conhecer e entender, pois é necessário levar em conta as transformações sociais trazidas pela televisão para compreender o que estas crianças têm a nos dizer.

Podemos concluir, então, que a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas a sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para apreender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem a mente nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega seu público. Com a ajuda de outros meios eletrônicos não impressos, a televisão recria condições de comunicação que existiam nos séculos quatorze e quinze. Biologicamente estamos todos equipados para ver e interpretar imagens e ouvir a linguagem que se torna necessária para contextualizar a maioria dessas imagens... Dadas as condições que acabo de descrever, a mídia eletrônica acha impossível reter quaisquer segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver coisa como infância. (POSTMAN, 1999, p. 94).

Podemos observar nos dias de hoje, que as crianças vêm apresentando comportamentos e atitudes similares à dos adultos. Porém, por apresentarem uma elevada carga de informações, em sua maioria violenta e sexual, isso pode causar um descompasso entre a maturação física e psicológica da criança. Postman (1999) afirma:

A televisão, em contrapartida, é uma tecnologia com entrada franca, para a qual não há restrições físicas, econômicas, cognitivas ou imaginativas. [...]. A televisão, neste sentido, é o perfeito meio de comunicação igualitário, ultrapassando a própria linguagem oral. (POSTMAN, 1999, p. 98).

Antigamente, quando a criança quisesse obter alguma informação, teria que primeiramente saber ler, depois, encontrar alguma obra que falasse sobre o assunto desejado,

e em seguida, ler e se interar sobre o assunto de fato, ato que requer tempo. Já nos dias atuais, as crianças têm acesso muitas vezes a conteúdos impróprios para sua idade, e que acabam por prejudicar seu desenvolvimento, se houver uma exposição excessiva.

A mídia televisiva influencia no processo de subjetivação infantil, na produção de subjetividades e nos comportamentos das crianças, tendo um papel cada vez mais significativo na definição dos conhecimentos culturais da infância, não há mais como excluir as crianças dessas mídias e do que elas representam, nem como restringi-las a conteúdos que os adultos avaliem bons para elas. De acordo com Buckingham (2006):

De um lado, elas são o veículo primordial onde se travam os debates correntes sobre a natureza em mutação da infância – e, nesse processo, sem dúvida contribuem para o crescente sentimento de medo e pânico. De outro lado, no entanto, as mídias são freqüentemente acusadas de serem as causas originárias de tais problemas – de provocarem indisciplina e comportamentos agressivos, de inflamarem a sexualidade precoce e de destruírem os laços sociais saudáveis que poderiam prevenir sua ocorrência. (BUCKINGHAM, 2006, p. 8).

Dessa forma, as crianças podem ter acesso a conteúdos que estimulam comportamentos agressivos, instigando a sexualidade precoce. Segundo Elkind (1981 *apud* BUCKINGHAM 2006, p. 18) faltam à televisão as ‘barreiras intelectuais’ das mídias mais antigas, ou seja, com esta rapidez de informações transmitidas através da mídia televisiva, a criança apresenta um processo de aceleração, mas faltam a elas barreiras intelectuais, pois estas recebem a informação e não consegue interpretá-la, por ser transmitida de modo imediato sem que seja preciso pensar. Dessa forma, segundo o autor antigamente o acesso a certas experiências eram reservadas aos adultos, atualmente se destinam as crianças, como as cenas de violência e sexo que são apresentadas de forma direta sem restrições, o que acaba levando os adultos a tratarem as crianças como mais adultas do que realmente são.

Portanto, observa-se que os modos de vida da criança estão sofrendo transformações. A vida das crianças é menos estável e segura, do que eram anos atrás, ela é apresentada a diversos estímulos que passam velozmente. Os avanços tecnológicos fazem com que os brinquedos sejam rapidamente rejeitados e supridos por outros, especialmente a televisão que tem um papel significante na constituição do sujeito.

Segundo Buckingham (2006), tanto implícita quanto explicitamente, os autores citados no livro (*Crescer na era das mídias: após a morte da infância*), sugerem que a noção de infância seja em si uma construção social, histórica, e que a cultura e a representação, também sob a forma das mídias eletrônicas, sejam uma das principais arenas em que essa construção é

desenvolvida e sustentada. Conforme Elkind (1998) nas palavras de Buckingham (2006) afirma:

As crianças apressadas são forçadas a assumir a parafernália física, psicológica e social da idade adulta antes de estarem prontas para lidar com ela. Vestimos nossas crianças com fantasias de adultos em miniatura (muitas vezes de marcas famosas), as expomos ao sexo e à violência gratuitos, e esperamos que elas sejam capazes de lidar com um ambiente social cada vez mais perturbador – o divórcio, a ausência de um dos pais, a homossexualidade. (ELKIND, 1998 *apud* BUCKINGHAM, 2006, p. 18-19).

Nota-se então, que este meio de comunicação que foi criado para levar informação, cultura e diversão para todos, pode se tornar um acessório prejudicial se usado de maneira indevida. Pois, com o tempo as crianças modificam a sua linguagem, comportamentos, modos de vestir e valores, e se transformam em adultos em miniatura. Assim, quando é realizada a análise sobre as influências da televisão na subjetividade infantil, o elemento de estudo é o seu conteúdo, à forma com que a mídia passa as informações e como os receptores recebem as mensagens.

Postman (1999) ressalta que hoje meninas, tem sido apresentadas como mulheres espertas e sexualmente atraentes, e que a diferença entre crimes de adultos e crimes de criança vem diminuindo rapidamente. As roupas usadas por crianças estão cada vez mais parecidas com a dos adultos e também as brincadeiras e jogos infantis, assim como a própria infância são uma espécie ameaçada.

Assim, para esses autores, Postman (1999) e Buckingham (2006), é inegável o poder de influência que a imagem e em especial a televisão causam nas crianças. Poder que além de informar e educar, é o elemento essencial para atrair ao consumismo, para ditar moda e induzir padrões adversos aos princípios morais. Para Postman (1999), novas tecnologias nos dão novas coisas em que pensar e novas coisas para pensar:

(...) mudanças na tecnologia da comunicação têm, invariavelmente, três tipos de efeitos: alteram a estrutura dos interesses (as coisas em que pensamos), o caráter dos símbolos (as coisas com que pensamos) e a natureza da comunidade (a área em que os pensamentos se desenvolvem). (POSTMAN, 1999, p. 37).

Desta forma, Postman (1999, p. 150) destaca que “nossas crianças vivem numa sociedade cujo contexto psicológico e social não enfatizam as diferenças entre adultos e crianças”, segundo o autor, atualmente, muitos adultos têm outra concepção do tipo de pessoa que é a criança, concepção parecida com a que prevalecia no século XIV, que diz respeito à visão de adultos em miniatura.

Segundo Postman (1999), o ponto essencial é que a televisão apresenta a informação sem fazer a distinção entre a categoria criança ou adulto. Isto ocorre porque a televisão não requer treinamento para apreender sua forma, não faz exigências complexas nem ao cognitivo nem ao comportamento. Assim, fornece a todos, simultaneamente, a mesma informação.

As crianças percebem as mensagens midiáticas a sua maneira, de acordo com as mediações que se estabelecem em seu grupo familiar, social e escolar. Assim, vão construindo seu imaginário a partir destas significações, misturando ficção com realidade. Sua subjetividade estaria sendo formada especialmente mediante esse tipo de experiência.

Para Foucault (1995 *apud* FISCHER, 2002, p. 154) o sujeito é aquele que de alguma forma está submetido ao outro (por meio de relações de controle ou dependência) ou então a si mesmo, preso à sua própria identidade, mediante a prática do conhecimento de si.

Ao mesmo tempo, que tem pesquisadores que denunciam ou criticam as influências da mídia televisiva sobre a criança, outros autores destacam também um outro lado, ou seja, as influências positivas que a televisão pode exercer sobre a educação infantil. Afinal, a finalidade da televisão na sua criação era essa, levar informação, acrescentando bagagens culturais para todos, e os pequenos não ficam fora disso. Pacheco (2000) ressalta que:

Uma das constatações que devem ser levadas em consideração é que as capacidades das crianças são variadas, móveis e múltiplas; do mesmo modo são as capacidades da mídia. O encontro entre crianças e TV não é uma priori, mas um fenômeno vital, fundamentado em circunstâncias históricas precisas, sociais e culturais. Como com qualquer outra realidade social, esse encontro implica tanto elementos objetivos como subjetivos e, como tal, ele também se mostra como um espaço potencial. A atenção dada às potencialidades depende de quanto ela é usada (ou abusada) em vez de ser dependente da TV como tal, ela levanta a questão do poder nos campos simbólicos. (PACHECO, 2000, p. 86).

Nas sociedades contemporâneas, a mídia desempenha um papel decisivo em praticamente todas as áreas e dimensões da vida humana, ou seja, possui uma presença marcante na socialização, no conhecimento, na política, na religião, etc. Como reconhece Luhmann (1995), “o que nós sabemos sobre a sociedade, sobre o mundo no qual vivemos, sabemos através dos meios de comunicação.” (LUHMANN, 1995 *apud* SAMPAIO, 2000, p. 23).

Deste modo, os processos de subjetivação são históricos e, ou seja, cada época tem seus dispositivos próprios de subjetivação, de acordo com o sujeito que quer formar. A tecnologia especialmente a televisiva proporciona, em todas as sociedades, um papel significativo nas construções subjetivas.

5 Considerações finais

O estudo do tema levou-nos a constatar a importância desse assunto para a Psicologia e Educação e nos fez questionar sobre o processo de subjetivação, a construção das subjetividades nas crianças. Tais fatos podem levar as crianças a adquirir determinados comportamentos, influenciando no seu modo de agir e pensar diante do que é transmitido pela mídia televisiva. Dessa forma, a televisão na atualidade gera um impacto na criança, ditando diversas formas de comportar-se e consumir determinados produtos.

Pode-se afirmar que a mídia televisiva atualmente propicia novas formas de subjetividades. Discutir mídia e subjetividade é debater a interferência que esta proporciona no modo de agir e pensar da criança. Acreditamos que a Psicologia, cuja implicação está em todos os campos da existência, não pode se isentar ao debate da relação entre mídia e subjetividade.

Diante dessa turbulência acorda-se a necessidade de grandes transformações, pois é necessário desenvolver a capacidade de agir e não colocar-se estagnado frente às imposições da mídia, que pairam as subjetividades.

Este trabalho nos permitiu avaliar a importância que a mídia televisiva tem sobre a criança na sua subjetividade e nos levou ao convencimento de que é necessário ampliar a discussão e o estudo acerca da influência da mídia televisiva na subjetivação infantil, e mostrar a importância da psicologia no processo terapêutico, devido ao fato de várias crianças chegarem ao consultório com sintomas produzidos a partir dessa nova relação mídia e criança, das influências dessa sobre a subjetividade e comportamento infantil.

Pelas discussões realizadas neste trabalho, pode-se concluir a importância de estudos como essa temática para a Psicologia, uma vez que, possibilita uma maior compreensão da criança de hoje, de seus comportamentos e sintomas. A mídia televisiva acaba influenciando de modo negativo, pois esta acaba ditando comportamentos que são adquiridos pelas crianças, assim como incentivando a violência e exigindo modelos a serem seguidos. A partir do que é transmitido à criança não sabe distinguir o que é real e fictício, havendo uma distorção da realidade.

Conclui-se, então, que a relevância deste trabalho, a medida que investigou uma temática atual e que explica muitas das demandas para atendimento psicológico infantil. Pois sabemos que o processo de construção da subjetividade na infância constitui uma base que propiciará o processo de construções futuras do sujeito em outras fases de sua vida, como na vida adulta.

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Estatuto da Criança e do adolescente: **Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990, lei n. 8242, de Outubro de 1991- 3.** ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicação, 2001.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006. Título original: After the death of childhood: growing up in the age of electronic media. Trabalho não publicado.
- CORSARO, William A. **Sociologia na Infância**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Que é um dispositivo?** In: BALBIER, Eribon. et al. Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990.
- _____ (1990) Pourparlers. Paris: Minuit. DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1972) L'Anti-Edipe. Paris: Minuit. _ (1992) **O que é a filosofia?** São Paulo: Ed. 34. DELEUZE, G. e PARNET, C. (1977) Dialogues. Paris: Flammarion.
- FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa. São Paulo: Universidade de São Paulo. n.1, vol.28, jan/jul, 2002, p.151-162. Disponível em >
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011. Acesso em: 15 set. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- _____, (1997). **A sociedade punitiva**. In: _____. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 25-44.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 1996.
- _____. **Dois ensaios sobre o poder**. In: Michel Foucault: Um Parcours Philosophique (Dreyfus, Hubert e Rabinow Paul), Paris. Ed Gallimard (tradução Lília Vale e Sílvia Aguiar, UFF, 1989, mimeo).
- _____. (1979) **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal.

GÉLIS, J. A individualização da criança. In: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (Org.). **História da vida privada**: da Renascença ao Século das Luzes. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 311-329 (Coleção História da Vida Privada, v.3).

GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade**. 1. Ed. São Paulo: Thomson, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho A; BIZ, Osvaldo. **Mídia, educação e cidadania**: tudo que você deve saber sobre mídia. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Psicologia, Subjetividade e Mídia**. In: FURTADO, Odair. (Org.). II Seminário de Psicologia e Direitos Humanos - Compromissos e comprometimentos da psicologia. Recife: Ed. Universitária, 2004, v. 1, p. 29-34.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUATTARI, F. Micropolítica do fascismo. In: **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p.173-190.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**: Da Idade média a época contemporânea no Ocidente. 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JORGE, Wanda. **Mídia para criança e o adolescente**. Revista Ciência e Cultura. vol.56 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2004. Disponível em <
http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252004000100038&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 set. 2014.

PACHECO, Elza Dias. **Televisão, crianças, imaginário e educação**: dilemas e diálogos. Campinas, SP: Papirus, 1998.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRATA, Maria Regina, (2001). **Foucault e os modos de subjetivação**. Cadernos do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, v. 1, n°1, p.37-40.

QUEIROZ, Norma Lúcia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; UCHÔA BRANCO, Ângela. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia**, v.10, n.34, Ribeirão Preto, maio/ago.2006.

SAMPAIO, I. S. **Televisão, publicidade e infância**. São Paulo: AnnaBlume, 2000.

VIRILLO, Paul. (1999), **A bomba informática**, São Paulo, Estação Liberdade, pp. 21-22.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.